

Copyright © 2009, by Luiz Ricardo Leitão

Revisão: *Geraldo Martins de Azevedo Filho e Ricardo Nascimento Barreiros*

Projeto gráfico, diagramação e capa: *ZAP Design*.

Ilustrações: *Gilberto Maringoni*

Fotos: *Arquivo pessoal do autor, Arquivos de Almirante e Jacy Pacheco, reproduções autorizadas de Noel Rosa: uma biografia*

Impressão e acabamento: *Cromosete*

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

L533n	Leitão, Luiz Ricardo Noel Rosa: poeta da vila, cronista do Brasil / Luiz Ricardo Leitão. --2.ed.--São Paulo : Expressão Popular, 2011. 200 p. : fots.
	Indexado em GeoDados - <a href="http://www.geodados.uem.br">http://www.geodados.uem.br</a> . ISBN 978-85-7743-127-4
	1. Rosa, Noel, 1910-1937. 2. Música popular – Brasil. 3. Músicos – Brasil – Biografia. II. Título.
	CDD 784.092 727.80981

Bibliotecária: Eliane M. S. Jovanovich CRB 9/1250

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada  
ou reproduzida sem a autorização da editora.

2ª edição: fevereiro de 2011

Edição revista e atualizada conforme a nova regra ortográfica

EDITORA EXPRESSÃO POPULAR

Rua Abolição, 201 - Bela Vista

CEP 01319-010 – São Paulo-SP

Fones: (11) 3105-9500 / 3522-7516 / 4063-4189, Fax: (11) 3112-0941

livraria@expressaopopular.com.br

www.expressaopopular.com.br

esse rojão, só mesmo com uma cachaça e um cigarro, diria Chico 45 anos depois. Será que o missivista de 1976 não seria, afinal, o destinatário do poeta-cronista de 1931?

### **Setenta anos depois, onde está a honestidade?**

*Você tem palacete reluzente  
Tem joias e criados à vontade  
Sem ter nenhuma herança nem parente  
Só anda de automóvel na cidade  
E o povo já pergunta com maldade  
Onde está a honestidade  
Onde está a honestidade*

*O seu dinheiro nasce de repente  
E embora não se saiba se é verdade  
Você acha nas ruas diariamente  
Anéis, dinheiro e até felicidade  
E o povo já pergunta com maldade  
Onde está a honestidade  
Onde está a honestidade [...]*

(Noel Rosa e Kid Pepe, "Onde está a honestidade")

Às vésperas do seu centenário de nascimento, se acaso ainda bordejasse pelos becos e botecos de Vila Isabel, Lapa e arredores, por certo não faltariam motivos ao poeta-cronista para renovar, com versos precisos e ferinos, a sua crítica à hipocrisia dos governantes e aos descabros da cena política, econômica e social desta pátria-mãe invencivelmente subtraída nas tenebrosas transações de suas elites. Afinal de contas, o Poeta da Vila, que soube descrever como poucos a contraface daninha e insidiosa dos heróis "sem nenhum caráter" que a nossa história até hoje

produz (essa gente a quem ele apelidou de “vassoura dos salões da sociedade / que varre o que encontrar / em sua frente” e que “promove festivais de caridade / em nome de qualquer defunto ausente”), também vivenciou uma época de sinuosa transição da vida pública nacional.

Transcorridas mais de sete décadas da morte do compositor, o povo já está mais do que escaldado com tantos malabarismos – e tantas maracutaiais – que os bisnetos e tataranetos de Brás Cubas realizam para perpetuar-se nos salões palacianos de Bruzundanga. Pelas ruas, o gentio incrédulo e indignado não logra disfarçar o cansaço ao indagar, com dose extra de ceticismo e maldade, onde estaria a honestidade. Em realidade, nesta versão pós-moderna do velho Brasil excludente e oligárquico, o que nos diferencia da extravagante República composta pela pena impiedosa de Lima Barreto?

Tão fácil quanto nomear cargos de confiança naquela nação nada fictícia (em que decerto Brás Cubas prontamente ocuparia uma cadeira no Senado, Macunaíma seria chanceler vitalício e o Vadinho de *Dona Flor e seus dois maridos* assumiria sem nenhum esforço o Ministério do Trabalho) é reconhecer que, de fato, tudo “mudou para não mudar” no Brasil do século 21. Da economia à política, o que haveria de essencialmente *novo* entre nós, se até mesmo a balança comercial do país torna a depender das exportações de minérios e produtos agrícolas?<sup>150</sup> E quais seriam as *novas*

---

<sup>150</sup> Pesquisa recente da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB) revela que, pela primeira vez desde 1978, quando os produtos manufaturados passaram a representar o maior percentual da pauta de exportações, as *commodities* agrícolas, metálicas ou energéticas (isto é, as matérias-primas não submetidas a processo industrial, tais como soja, minério de ferro e petróleo bruto) deverão ocupar o primeiro posto na balança comercial brasileira. Só no primeiro semestre de 2009, os pro-

virtudes dos “homens públicos” a quem cabe dirigir a máquina do Estado, ou dos “empresários” que se ocupam de administrar as riquezas ditas nacionais?

Para Noel, como para tantos outros cronistas que já nos deixaram, desde o pândego Aparício Torelly (o autoproclamado *Barão de Itararé*) até o irreverente Sérgio Porto (mais conhecido por “Stanislaw Ponte Preta”), o único item reciclado seriam os inumeráveis escândalos a que sua verve aludiria neste limiar de um velho-novo milênio. Abra os jornais, caro leitor, e escolha o seu mote... Em meio à crise, os banqueiros auferem lucros fabulosos e ainda sonogam milhões ao Tesouro público; denunciados pela Polícia Federal, todos eles escapam lépidos e faceiros, sob a chancela leniente e carinhosa do Judiciário, cujo supremo magistrado, o intocável Gilmar Mendes, assume, sem nenhum pejo, o posto de “novo Adão” da República, conforme expressou com rara felicidade o cronista Carlos Heitor Cony. O que diria Noel acerca dessas criaturas que volta e meia surgem na cena midiática tupiniquim, destacando-se pela “capacidade de dar palpites sobre qualquer assunto”, revivendo aquela figura que, segundo reza a mitologia católica, a pedido do grande Criador terminou por “dar nome às árvores, às galinhas e às nuvens”?

Sim, amigo, nesta terra sugada e maltratada em que alguns milhares de parvos são agraciados com proventos “duplicados e triplicados” (afora os rendimentos extras “de outra e qualquer origem” mais que nebulosa), é praxe

---

duto básicos constituíram 42% das remessas ao exterior, ao passo que os itens manufaturados atingiram 43,3% (de janeiro a junho de 2008, tais cifras haviam sido, respectivamente, 35,3% e 48,5%). De acordo com os analistas, o novo perfil da pauta deixa o país mais exposto às oscilações do mercado global, além de desestimular os investimentos da indústria, que geram mais empregos que o setor primário. Cf.: “Novo perfil de exportações fragiliza país”. *Folha de S. Paulo*, 12/7/2009, p. B5.

não só empregar um vistoso palavreado de quem promete operar milagres, como também pronunciar-se com uma desfaçatez de dar inveja a Brás Cubas sobre variados temas, em especial aqueles que não são de sua alçada. Nesse jeito bem Macunaíma de ser, dão pitecos acerca da vida pública e da privada, pontificando com furiosa prodigalidade sobre o alheio, sobretudo contra aqueles que se opõem ao regime do latifúndio e do grande capital.<sup>151</sup> E, para nossa indignação, seguem airosos ao longo de décadas, tropeçando, uma ou outra vez, em denúncias que parecem abalar a volúvel “opinião pública”, para logo adiante ressurgirem das cinzas do último escândalo impávidos e colossais como no começo dos tempos.

Para enfrentá-los e, principalmente, desmascará-los, será sempre imprescindível, além da valorosa resistência dos movimentos sociais organizados, contar com a arte de menestréis e poetas-cronistas da estirpe de Noel Rosa. Se o bordão popular nos ensina que é nos momentos de perigo que se conhecem os seres humanos, não seria leviano afirmar que os maiores cronistas e humoristas despontam em meio aos períodos de aguda crise e inquietude social, quando se instaura o caos e a indecisão sobre os destinos

---

<sup>151</sup> Apesar da concorrência de Sarney e outros políticos, o caso do Presidente do STF é, sem dúvida, exemplar. Em 2008, ao rebater a divulgação pela Polícia Federal de dados relacionados à Operação Navalha, Mendes acusou a corporação de empregar métodos “fascistas” e de cometer “canalhice”. Ele também inovou com o seu juridiquês, quando servia com fervor à dinastia de FHC: ao defender os interesses do governo, empregou termos como “manicômio judiciário”, na luta pelo fim da greve nas universidades; “autismo dos juízes”, na privatização do Banespa; e “censura prévia”, ao sugerir que os ministros do STF não falassem mais em *off*. Sem esquecer, obviamente, sua recente cruzada raivosa contra o MST, que, por motivos óbvios, jamais receberá do novo Adão os mesmos “mimos” com que ele afaga o banqueiro Daniel Dantas e sua *tchurma*.

da vida nacional. Nesses instantes, carecemos não só de projetos e ideias revolucionárias que apontem uma alternativa viável para o povo, como também do talento e da criatividade dos nossos artistas, mesmo que estes, em caso de um eventual revés das forças populares, venham depois a padecer as penas do ostracismo e do esquecimento forçado que os donos da História costumam impor.

Este ensaio não poderia, pois, terminar sem render um tributo à atualidade de Noel. Ele também sofreu os gravames do olvido, sendo ignorado por cerca de dez anos após sua morte – que, com uma ponta de ironia, se deu às vésperas do Estado Novo, em maio de 1937, quando o Brasil oligárquico se dividia entre o fascismo e a causa democrática. Ao final da década de 1940, contudo, com o fim da Segunda Guerra e um tímido esboço de redemocratização do país,<sup>152</sup> seu espírito irreverente e criativo voltará a ser admirado pelo público, que “redescobre” encantado a obra fabulosa do Poeta da Vila. Esse “renascimento” do artista representa, em última instância, um índice cabal das transformações de nosso país: aquele Brasil caboclo que se embalava com as toadas sertanejas ao final dos anos 1920 começa a urbanizar-se por completo a partir de 1950, abrindo passagem para os mais diversos ritmos citadinos. Era, de fato, conforme nos descreveu José Ramos Tinho-

---

<sup>152</sup> Em dezembro de 1945, realizam-se eleições para a Assembleia Nacional Constituinte de 1946 e para a presidência da República, com a vitória do Marechal Eurico Gaspar Dutra (coligação PSD-PTB). O PCB participa do pleito, elegendo 15 deputados federais e um senador (Prestes), o segundo mais votado do país (Vargas seria o primeiro). O movimento operário se reanima, os sindicatos crescem, mas o regime logo mostra sua verdadeira face: Dutra suspende o direito de greve, cassa o registro do PCB e rompe relações com a URSS, alinhando-se definitivamente à política de guerra fria dos EUA, que passam a exercer uma crescente influência sobre a economia e a política nacional.

rão, a ascensão da nova classe média ao primeiro plano da vida pública brasileira, ansiando por mudanças que as elites desta nossa Bruzundanga até hoje tentam postergar.

O próprio artista já prenunciara esse processo em sua prodigiosa história musical, que se inicia ao som de emboladas como “Minha Viola”, em 1929, e conclui-se precocemente em 1937, sob o signo dos mais harmoniosos sambas que o ambiente urbano lograra criar (que o diga essa joia intitulada “Pra Que Mentir?”, lapidada a quatro mãos por Vadico & Noel). Se o jovem *Bando de Tangarás* ainda acusa a influência dos *Turunas* pernambucanos sobre uma parcela expressiva da classe média carioca, outro sabor e sotaque assumirá a música que brota dos inúmeros interlúdios que o Poeta da Vila estabelece com os pares do *morro* e da *cidade*, desde Cartola e Ismael até Vadico, Lamartine e Braguinha. Criminalizado pelas elites no limiar do século 20, o samba finalmente encontra seu espaço nos salões da Capital, deixando de ser o batuque dos escravos para converter-se em verdadeiro ícone da identidade nacional: *tudo aquilo que o malandro pronunciava com voz macia era agora brasileiro e havia muito já passara de português...*

Não há dúvida de que o poeta-cronista Noel é o grande arauto dessa transição, registrando em sua obra essa faceta singular da “modernização” de Bruzundanga, que, sob a senha da *mudança*, trata apenas de retocar a sólida estrutura de poder forjada desde a antiga ordem colonial. Por sortilégio dos deuses, coube a ele cumprir uma passagem mui efêmera no reino deste mundo, nas dobras de uma época de intensa turbulência política, econômica e cultural, entre o fim da *Belle Époque* e a proclamação do Estado Novo. Sua arte, porém, não ficou restrita àqueles anos românticos da “era do rádio”, nem tampouco sucumbiu às moendas eletrônicas da TV em pleno império pós-moderno da *sociedade do*

*espetáculo*. Como foi possível tal proeza? Creio que somente um grande poeta como Drummond pode explicar-nos a grandeza de Noel, que se recusou a ser o cantor de um mundo caduco, considerando sempre “a enorme realidade” em suas canções e fazendo sempre do *tempo presente*, dos *homens presentes* e da própria *vida presente* a sua matéria.

Assim, ele mostrou-nos com engenho e arte a nudez de Bruzundanga, indagando-nos sob um sorriso amargo “com que roupa” iríamos ao baile do novo regime, enquanto o povo seguia na pindaíba, a comer pirão de areia... Com o mesmo espelho de Macunaíma, ele nos refletiu a “criança perdulária que anda sem vintém”, mas tem mãe milionária e jura que vai à Europa num aterro de café. F. fez de *seu* Jacinto uma versão melodiosa do “herói sem nenhum caráter”, que dormia de cartola e fraque e sonhava morrer atropelado por um Cadillac, mandando-o apertar o cinto (como apregoava Getúlio e, décadas mais tarde, o rotundo Delfim) para colaborar com o regime. Noel recriou, com o condão do samba, o mesmo Brasil e a mesma Bahia de Gregório de Matos, que um dia fora rico e abundante, mas agora se via pobre e empenhado nas mãos dos mascates de além-mar: sem vintém, mas sempre pronto a pedir emprestado. Não se esqueceu porém de registrar a desfaçatez e a corrupção dos grandes leiloeiros do país, cujo dinheiro “nasce de repente”, rendendo-lhes palacetes reluzentes, joias e criados à vontade. Ele talvez não soubesse, mas ao cantar esse *Brasil de tanga* – e com *capote de algodão* – terminou por aquecer eternamente o coração de todos que sonham em despertar do seu sono esplêndido a nossa pátria-mãe sempre tão distraída e subtraída em sinistras transações.

Cordiais saudações, saudoso Poeta! E um feliz Centenário em 2010...

*Vila Isabel, fevereiro-julho de 2009.*